



A F R I C A N
C A S H E W
A L L I A N C E

Edição 14
Dezembro de 2010

PROMOVER A INDÚSTRIA DA ÁFRICA EM TODO O MUNDO

www.africancashewalliance.org

O Setor do Caju Chega a Acordo sobre as Diretrizes para o Crescimento dos Negócios na África.

Nesta Edição

A Kraft e a Intersnack apoiam o programa de segurança dos alimentos da ACA 2

A ACA treinam banqueiros em Lomé 3

Os produtores de caju africano inspiram a Planters – Entrevista com Chris Nubern 4

A IAC está dando frutos em Moçambique 5

O primeiro envio de castanhas de cajus in natura de uma Companhia brasileira a partir da África 6



Cherif Hibrahima, Carlos Costa, o Hon. Kwesi Ahwoi, o Hon. Soares Nhaca e Filomena Maiopue cortam o bolo de aniversário da ACA.

Os elementos-chave do setor concordaram com a declaração que defende mudanças no ambiente de negócios para promover o crescimento do setor.

Mais de 200 elementos-chave do setor do caju vindos 24 países participaram da Quinta Conferência Anual da Aliança Africana do Caju, em Maputo, Moçambique, de 14 a 17 de setembro de 2010. Mais de 60 participantes da Ásia, da Europa, da América Latina e da América do Norte também foram ao evento.

O evento contou com a participação de Joaquim Chissano, Ex-Presidente de Moçambique e Embaixador da ACA, os Honoráveis Aires Bonifácio Aly, Primeiro-Ministro de Moçambique, Soares Nhaca, Ministério da Agricultura de Moçambique e Kwesi Ahwoi, Ministério da Agricultura do Gana.

Os elementos-chave do setor concordaram com a declaração que defende mudanças no ambiente de negócios para promover o crescimento do setor. A Declaração de Maputo estabelece diretrizes para alcançar o pleno potencial do setor africano do caju de fornecer mais de US\$ 300 milhões em renda, vindos das vendas de castanhas in natura feitas por pequenos proprietários rurais, e concretizar mais de US\$ 300 milhões em valor agregado vindos do processamento de cajus, o qual poderia criar mais de 200 mil novos empregos para as pessoas pobres nas áreas rurais. A Declaração fornece diretrizes sobre como abordar questões específicas para que o setor africano do caju possa decolar. Ela defende o apoio aos processadores e comercializadores de caju e o treinamento de produtores rurais, dando força a grupos de produtores rurais, mais investimentos em pesquisa e desenvolvimento, a implantação de incentivos de investimentos para o setor de processamento e conchama para que seja feita uma campanha no mercado global para as castanhas de caju. A Secretária da ACA divulgará a Declaração de Maputo junto a elaboradores de políticas dos governos e os elementos-chave do setor privado no mundo todo. Os membros da ACA usarão a Declaração como base para os diálogos público-privados para o desenvolvimento de agendas de políticas específicas para cada país em apoio ao setor.

Os elementos-chave do caju também concordaram em aderir a um conjunto de princípios e padrões e de promovê-los para assegurar o crescimento sustentável do setor. Através do Código de Conduta de Negócios da ACA, os processadores de caju se

comprometem a assegurar a segurança dos alimentos, fornecer produtos de alta qualidade, fazer uma boa governação corporativa e financeira, respeitar o meio-ambiente, fazer a compensação justa dos produtores rurais e fornecer boas condições de trabalho para os trabalhadores. A ACA está desenvolvendo uma ferramenta de monitoramento e promocional baseada no Código de Conduta de Negócios; além disso, ela está mobilizando recursos para um programa de treinamento em apoio ao código.

O programa da conferência incluiu dois dias de discussões em painéis temáticos, oficinas, eventos de estabelecimento de contatos e dois dias de visitas de campo a instalações de processamento de cajus, plantações, lotes experimentais com pernoite na maravilhosa Ilha de Moçambique, um local declarado Patrimônio Mundial da UNESCO. “A conferência foi uma chance única para entender o processamento local e colocar os pés no mercado de aquisição de produtos de fornecedores locais”, disse um comprador internacional.

O fórum Business2Business, uma série de eventos de estabelecimento de contatos, maximizou as oportunidades para os elementos-chave do caju falarem sobre os seus negócios. A Secretária da ACA organizou mais de 180 reuniões para parceiros de negócios em potencial. “Eu ingressei na ACA para ter acesso a mais atores deste mercado – e é exatamente isto que a conferência oferece”, observou um processador de cajus.

Durante a conferência, os membros da ACA elegeram um novo Comitê Executivo, a entidade diretiva da ACA, composta de pessoas de negócios do caju da África e do mundo todo. O Sr. Cherif Hibrahima, um processador de cajus da Costa do Marfim, foi eleito o novo Presidente da ACA. Também foram eleitos o Sr. Idrissa Kilangi (Vice-Presidente, processador de cajus da Tanzânia), o Sr. Luis Soeiro (Vice-Presidente, processador de cajus de Moçambique), Abou Bakr Adjibade (processador de cajus, Benim), Ram Mohan (comercializador de cajus, da Gâmbia), Partheeban Theodore (Olam, processador e comercializador internacional de cajus), Kees Blokland (Global Trading, processador e comercializador internacional de cajus).

**Reserve esta data ! Sexta Conferência Anual da ACA :
19-22 de setembro de 2011, Banjul, Gambia**

Mensagem do Presidente da ACA



ASem dúvida alguma, a conferência de Maputo foi de grande êxito para a nossa Organização e serviu para dar uma nova direção ao setor africano do caju. A Declaração de Maputo e o Código de Conduta de Negócios são as novas ferramentas para nos ajudar a promover o setor junto com as entidades públicas e com o apoio dos processadores no esforço de desenvolvimento.

Obter êxito no aumento significativo de volume processado de castanhas de caju in natura continua a ser o principal objetivo da ACA. Isto constitui uma estratégia poderosa para a criação de empregos. Além disso, ele também gera o crescimento, traz dinheiro de fora e, conseqüentemente, combate a pobreza nas áreas rurais.

Esta será a tarefa do novo Comitê Diretivo da ACA, com objetivos ambiciosos para o nosso Continente.

Envio a todos os meus melhores desejos para que tenham um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo.

Cherif Hibrahima
Presidente da ACA

Qualidade, Segurança dos Alimentos e Crescimento Sustentável são os Princípios-Chave para o Crescimento do Setor Africano do Caju

Gigantes do Setor de Petiscos e Alimentos dos EUA e da Europa Apoiam o Programa da ACA

As pessoas de negócios do setor do caju, assim como a maioria das pessoas do agronegócio, normalmente se encontram em situação de competição dura ou em negociações comerciais uns com os outros, mas todos eles se reúnem sob o nome da Aliança Africana do Caju (ACA). Varejistas internacionais e comercializadores se juntaram aos produtores de caju, comercializadores e descascadores da África, com o objetivo de trabalharem juntos para o crescimento do setor na África. Na Conferência da ACA deste ano em Maputo, Moçambique (de 14 a 16 de setembro), foi desenvolvido um conjunto de princípios que o setor africano do caju irá seguir para aumentar os seus negócios.

Através do Código de Conduta de Negócios da ACA, os elementos-chave do setor africano do caju se comprometem a produzir produtos de alta qualidade e a assegurar a segurança dos seus alimentos, ao mesmo tempo em que fazem crescer os seus negócios de forma sustentável. Isto significa que haverá a boa governação financeira e corporativa, a valorização dos recursos humanos, o respeito ao meio-ambiente, a compensação justa aos produtores rurais e o trabalho conjunto para fazer o setor crescer.

A ACA usará o Código de Conduta de Negócios como ferramenta para melhorar a qualidade e a segurança dos alimentos nas instalações de descascamento de caju na África. Com a ajuda de especialistas em segurança dos alimentos e qualidade internacionalmente reconhecidos, a ACA está desenvolvendo um programa de treinamento para as unidades de descascamento que queiram cumprir com os padrões estabelecidos pelo Código de Conduta de Negócios.



“O setor africano do caju possui um grande potencial para crescer. O

Código de Conduta de Negócios traça o caminho para o avanço na busca do crescimento de longo prazo”, diz Cherif Hibrahima, um produtor, comercializador e descascador de cajus da Costa do Marfim e atualmente o Presidente da ACA.

A ACA está desenvolvendo um sistema de monitoramento internacionalmente reconhecido para apoiar os descascadores de caju em sua trajetória de colocar em prática tais padrões em suas instalações. Comercializadores e varejistas internacionais de produtos de caju na Europa e nos EUA trabalham com a ACA nesta ferramenta de monitoramento. Como base do programa de treinamento, ela fornecerá orientação às empresas que trabalham com caju, mostrando os ajustes-chaves e as políticas a serem postos em prática para atender às exigências internacionais de qualidade e segurança dos alimentos. O sistema de monitoramento da ACA conferirá um selo de aprovação às instalações que seguirem os padrões e ela também fornecerá assistência técnica a outras instalações que queiram atingir este padrão.

A Kraft Foods, uma das maiores companhias de alimentos do mundo, e a Intersnack, a maior produtora europeia de petiscos de castanhas, apoia o programa de qualidade e segurança dos alimentos da ACA, feito sob a Iniciativa Africana do Caju, um projeto dos membros da ACA para apoiar o setor africano do caju, liderado pela Cooperação Técnica Alemã (GTZ) e a Fundação Bill e Melinda Gates. “Promover a alta qualidade e a segurança dos alimentos neste setor ainda jovem, fornece a confiança necessária para os mercados e funcionará para que façamos tudo certo desde o início”, diz Chris Nubern, Diretor de Aquisição de Castanhas da Kraft Foods. Ambas as companhias, membros e apoiadores de longo prazo da ACA, estão ativamente envolvidas no desenvolvimento do sistema. “Ao disponibilizar a nossa perícia técnica e ao trabalharmos através da associação africana do setor do caju, nós podemos ajudar a estabelecer um sistema de garantia de qualidade e de segurança dos alimentos, o qual servirá de base para o crescimento sustentável do setor do caju na África”, diz Arie Endendijk, Diretor de Compras da Intersnack.

Começando Pequeno, mas Indo Longe: uma Agenda Ambiciosa para o Setor do Caju na Gâmbia

Mais de 80 elementos-chave do caju de toda a cadeia de valor do caju se reuniram em Banjul, na Gâmbia, para a primeira “Semana do Caju na Gâmbia”, de 2 a 5 de novembro. A Aliança Africana do Caju (ACA) e o Centro do USAID para o Comércio na África Ocidental organizaram o evento.



Um bom número de dignitários participou da abertura, um sinal do potencial importante do caju na Gâmbia. Ram Mohan, um comercializador de cajus na Gâmbia e membro do Comitê Diretivo da ACA, deu as boas-vindas aos participantes. Depois disso, Cynthia Gregg, Vice-Chefe da Missão da Embaixada dos EUA em Banjul, falou aos elementos-chave, elogiando a ACA e o Centro para o Comércio por esta iniciativa. O Vice-Secretário Permanente do Ministério da Agricultura, o Honorável Sherif Bojang, fez o discurso oficial de abertura e declarou a Semana do Caju como oficialmente aberta.

A Gâmbia é relativamente nova no mundo do caju (o amendoim é uma de suas culturas tradicionais), mas o crescimento rápido do setor nos últimos anos demonstrou o interesse e a capacidade dos elementos-chave.

A sessão plenária inicial destacou o potencial do setor do caju de gerar valor agregado e criar novos empregos. Ela também destacou os vários pontos fortes e as oportunidades do setor do caju na Gâmbia.

Por ter um porto muito eficiente e uma localização geográfica ideal, a Gâmbia está se tornando um centro natural para o comércio da região. A safra de cajus da Gâmbia foi de aproximadamente 8 mil a 10 mil TM em 2010, mas a quantidade de castanhas de caju in natura enviada a partir de Banjul neste ano atingiu 67 mil TM. A infraestrutura e a localização não são as únicas vantagens para o setor do caju na Gâmbia. A qualidade da castanha – entre as melhores da África Ocidental – e o bom rendimento por árvore também estão acelerando o desenvolvimento da produção e do processamento.

“Começando pequeno, mas indo longe”, este parece ser o lema dos elementos-chave do caju na Gâmbia. “Nós queremos explorar o que temos e evitaremos repetir os erros cometidos por outros no passado. Esta é uma das vantagens de ser novo no setor – nós podemos aprender a partir das experiências anteriores dos outros. Nós somos um setor de processamento de cajus em crescimento, mas nós queremos começar fazendo a coisa certa desde o começo”, disse o Sr. Mohan.

“Esta Semana do Caju é uma excelente oportunidade para que possamos sensibilizar os elaboradores de políticas e trabalhar com eles para criarmos um ambiente melhor, permitindo que o setor possa crescer”. Os elementos-chave concordaram com um estatuto para a Aliança do Caju para a Gâmbia (ACG). A ACG será a plataforma para a troca de informações e a defesa de causa no setor; ela será oficialmente lançada durante o ano. A ACG já desfruta do apoio das maiores associações de produtores rurais (as quais expressaram a sua vontade de se unir sob uma única entidade), da AID e de exportadores.

Treinamentos sobre o processamento e o financiamento foram feitos no segundo e no terceiro dias, respectivamente.

Nas sessão de encerramento, os participantes concordaram sobre as prioridades para o desenvolvimento do setor do caju na Gâmbia, baseados nas recomendações da Declaração de Maputo da ACA. Uma destas prioridades é a preparação para a próxima Conferência Anual da ACA, a qual será realizada em Banjul. Esta Semana do Caju bem sucedida mostrou a capacidade do Comitê Nacional da ACA na Gâmbia de realizar tais eventos.

A ACA treina banqueiros

Os esforços da ACA em promover o setor do caju junto aos bancos da África Ocidental está produzindo frutos. A pedido do Banco da CEDEAO para o Investimento e o Desenvolvimento (BCID) e em cooperação com o Centro para o Comércio na África Ocidental, a ACA treinou 22 banqueiros em Lomé,



no Togo, de 14 a 15 de setembro de 2010 sobre o financiamento do processamento de cajus. Christian Dahm, o Diretor Executivo da ACA, e Sunil Dahiya, Conselheiro de Negócios, destacaram o potencial dos negócios com o caju para as instituições financeiras, a assistência técnica que é oferecida pelos membros da ACA e apresentaram as técnicas e tecnologias de processamento de cajus aos banqueiros. Os especialistas financeiros Roger Brou e Jean-Guy Biley, do Centro para o Comércio na África Ocidental, descreveram as opções, as prioridades e as estratégias de gerenciamento de risco para o financiamento do capital de giro e investimentos no processamento de cajus.

Os participantes da oficina, vindos do BCID, do ECOBANK, do Banque Régionale de Solidarité (BRS), do Fundo Gari e do Banco de Desenvolvimento da África Ocidental (BDAO), participaram de discussões intensas sobre as soluções financeiras para o setor e o caminho para o avanço. No último dia do evento, os participantes visitaram a Cajou Espoir, as instalações de uma das fábricas togolesas de processamento de cajus. “Nós nos reunimos para aprender a teoria, para ver o processamento de cajus na prática e para achar meios para a nossa ação. Agora nós estamos prontos para nos envolvermos com o setor.” disse Ernest D. Komenan, Vice-Presidente de Operações do BCID.

Vinte e Cinco Empreendedores foram treinados sobre os Procedimentos de Segurança dos Alimentos da APPCC em Kumasi

Fazendo parte das atividades estabelecidas para melhorar o processamento dentro da área de cobertura do projeto da IAC, foi oferecido um programa de treinamento de uma semana sobre a segurança e a proteção dos alimentos em Kumasi, no Gana, de 19 a 23 de outubro de 2010. O programa de treinamento foi organizado pela TechnoServe e teve como público-alvo os empreendedores e gerentes de plantas de processamento dentro dos países da IAC e teve como objetivo fornecer, em primeira mão, os procedimentos da Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle (APPCC ou HACCP, em inglês).

Os participantes foram conduzidos através de diferentes aspectos da APPCC, incluindo higiene pessoal, limpeza, desinfecção, controle de pragas, perigos com alimentos e seu controle e os 12 passos da APPCC.

Mais de 25 pessoas foram treinadas, entre elas empreendedores, gerentes de fábricas, gerentes de controle de qualidade e Conselheiro de Negócios da IAC. Eles foram aconselhados sobre o design das dependências e dos equipamentos, perigos com alimentos e seu controle, determinando os pontos críticos, manutenção geral do sistema da APPCC, bem como sobre a documentação e a verificação. O programa de treinamento foi feito pela Sra. Ally Loughor-Clarke, uma consultora de segurança dos alimentos da TechnoServe. A Sra. Loughor-Clarke possui muitos anos de experiência no treinamento de processadores nas questões e ideias de segurança dos alimentos. Leia sobre o Código de Conduta de Negócios da ACA ao clicar na ligação: <http://www.africancashewalliance.com>

A ACA no Mercado Mundial

A ACA participou em 2010 da SIAL, a maior mostra comercial de alimentos da Europa, com um estande disponibilizado pelo Centro do USAID para o Comércio na África Ocidental em seu Pavilhão “Sabores da África”. Christian Dahm, o Diretor Executivo, promoveu o caju africano e o processamento de cajus junto a um grande número de compradores e distribuiu o Guia de Investimentos no Caju, recentemente lançado, para os membros da ACA durante a mostra. “O evento tem sido de enorme valor em vários sentidos”, disse Christian Dahm. “Nós encontramos novos membros em potencial, investidores e outros parceiros. Mas, o mais importante de tudo, este é o lugar perfeito para se atualizar e discutir os próximos passos nas parcerias já existentes. Nós tivemos discussões muito boas aqui com empresas do caju já ativas na África, tais como companhias do Brasil, da Índia, dos Estados Unidos, do Vietnã, da Holanda e de outras partes da Europa, bem como com o Conselho Internacional de Castanhas e o Conselho de Promoção de Exportação de Cajus da Índia”.



Produtores Africanos de Caju inspiram a Planters

A marca líder dos EUA em castanhas para petiscos, a Planters, lançou uma campanha de marketing em novembro enfatizando as iniciativas de sustentabilidade da companhia, incluindo o seu apoio à Iniciativa Africana do Caju, financiada pela Fundação Bill e Melinda Gates. A campanha apresenta o Mr. Peanut (literalmente “Sr. Amendoim”, em inglês), um ícone muito querido, falando pela primeira vez em 94 anos, em uma série de comerciais de desenho animado, que dá vida ao mundo “Naturalmente Formidável” da Planters.

“Na Planters nós pensamos nos produtores rurais como os ambientalistas originais”, disse Jason Levine no momento em que apresentava a campanha aos jornalistas em seu lançamento na cidade de Nova Iorque. “Eles sabem que cuidar da terra é importante para o futuro deles e nosso. Na essência, eles estão vivendo a nossa definição de sustentabilidade – estão satisfazendo as necessidades da sociedade, ao mesmo tempo em que continuam atentos às gerações futuras. Os produtores rurais nos inspiram em nossa jornada em busca da sustentabilidade”.

A Planters também lançou um documentário de três minutos produzido com o apoio da ACA e do Centro do USAID para o Comércio na África Ocidental. “Naturalmente Formidável: os Produtores de Caju na África” destaca o trabalho da ACA e da Iniciativa Africana do Caju em sua ajuda para que os produtores de caju aumentem a sua produtividade e promovam um mercado global sustentável para o caju africano, a fim de melhorar a renda familiar dos produtores de caju. A Kraft é um dos membros fundadores da ACA e da IAC.

O documentário está disponível no sítio de internet da Planters e ajudará a aumentar a conscientização sobre o potencial do setor do caju de catalisar o crescimento econômico na África.

Saiba mais sobre a jornada da Planters em busca da sustentabilidade no endereço www.planters.com/sustainability
<http://www.smartplanet.com/people/blog/pure-genius/mr-peanut-goes-to-africa-to-train-cashew-farmers/4703/>



Entrevista com Chris Nubern diretor de aquisição de castanhas da Kraft Foods da América do Norte

Depois do lançamento da campanha, a ACA se encontrou com Chris Nubern, diretor de aquisição de castanhas da Kraft da América do Norte. Nubern participou da 5ª Conferência Anual da ACA em Maputo e também no documentário.



Quando o Sr. começou a trabalhar com a Kraft Foods?

Qual era sua experiência até então?

Eu comecei em 2000 na Kraft Foods, ou seja, estou aqui há 10 anos. No começo eu trabalhava com produtos de laticínios. Eu nasci e cresci no estado da Geórgia (EUA), em uma comunidade rural. Eu possuo um PhD em economia agrícola.

Quando a Kraft começou com os produtos de caju?

Nos anos de 1980 nós obtivemos grande sucesso com o lançamento de um novo produto que incluía metades e pedaços de caju, algo inventado para o mercado dos EUA e atualmente possuímos uma grande fatia deste mercado. Mas o caju sempre foi parte da nossa linha de amêndoas e castanhas mistas.

O Sr. participou da 5ª Conferência Anual da ACA em Maputo, em setembro passado. O que foi útil? Foi a primeira vez que o Sr. esteve na África? Quais foram as suas impressões com esta experiência?

Esta foi a minha primeira Conferência da ACA. A Conferência da ACA é um dos principais eventos para este setor. Ela envolve muito mais do que só elementos-chave do caju africano. A participação continuará a crescer. Há muitas oportunidades para continuar a melhorar a qualidade das plantas processadoras. Para mim foi uma boa oportunidade para encontrar elementos-chave individuais da área do caju.

A Kraft é um dos membros fundadores da ACA e contribui com a IAC. Como este apoio se encaixa na missão da empresa?

Se você olhar para a Planter's, faz todo o sentido que nos envolvamos com o caju africano. Nós temos de estar envolvidos com o que representa 40% da safra de cajus. Faz sentido do ponto de vista dos negócios e é um ponto-chave quando visto da perspectiva da responsabilidade social. A forma como estamos redefinindo a nossa marca está totalmente ligada com a ideia de sustentabilidade e é o motivo pelo qual estamos apoiando as atividades da IAC. Nós queremos fazer parte na hora de fazer uma diferença positiva.

Quais são os principais desafios que o setor africano do caju enfrentará nos

próximos anos?

Os principais desafios são o nível das plantas nas fábricas. A África produz muita castanha de caju in natura. O desafio é ver como esta produção pode ser processada localmente. Também é importante implantar esforços para assegurar a segurança dos alimentos e a boa qualidade nas fábricas de processamento. Não é algo que possa ser aprendido rapidamente. Isto levará algum tempo, a exemplo do que ocorreu com a Ásia.

O Sr. participou da elaboração do Código de Conduta de Negócios da ACA. Como o Sr. vê isto no sentido de construir um setor sustentável na África?

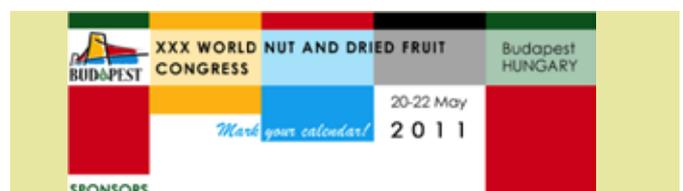
É um bom primeiro passo. Por trás deste novo programa, a credibilidade da ACA está representada. As companhias como a nossa reconhecerão isto. Produtos seguros e de boa qualidade estarão em grande demanda. Faz sentido para os descascadores e os membros da ACA darem a devida atenção ao Código de Conduta de Negócios.

O que o caju representa para a Kraft?

O caju é a castanha mais valiosa que compramos. Nós gastamos mais dinheiro com caju do que com qualquer outro tipo de castanha.

Qual é o seu tipo de castanha preferido?

Sendo da Geórgia, eu sou obrigado a dizer que a minha favorita é a noz-pecã, já que nós cultivamos muita noz-peã por lá. Mas eu também gosto muito de cajus.



O Conselho Internacional de Castanhas (CIC) fará seu XXX Congresso Mundial de Castanhas e Frutas Secas em Budapeste, na Hungria, de 20 a 22 de maio de 2011. Este Congresso anual será realizado pela primeira vez no Leste Europeu e há uma ênfase adicional sobre a importância da participação dos mercados do Leste da Europa, os quais representam mais de 600 mil toneladas métricas de importações de castanhas e frutas secas ao ano. Budapeste, a “pérola” do Danúbio, fornecerá oportunidades amplas para que os participantes possam discutir sobre novos produtos e mercadorias que possam ajudar em seus negócios, além de poder encontrar velhos amigos e fazer novos amigos durante os nossos eventos sociais. O CIC gostaria de encorajar os empreendedores da África a participar deste evento. Ele proporá uma tarifa especial para as companhias africanas que sejam membros da ACA. **Reserve esta data! Entre neste endereço para obter maiores informações: www.nutfruit.org/budapest-2011**

Novo estudo coloca o “impacto significativo” do setor do caju sobre empregos e renda em foco ainda mais claro

por Joe Lamport West Africa Trade Hub

Enquanto que se sabe muito bem que o aumento do processamento de cajus na região cria empregos e aumenta as rendas, a extensão deste impacto ainda não era conhecida – até agora. Um novo estudo conduzido pelo Centro do USAID para o Comércio na África Ocidental revela a extensão deste impacto – e mais uma vez enfatiza que o processamento local das castanhas de cajus poderia criar milhares de empregos e aumentar a renda familiar de forma significativa.

“Eu descobri que processar somente 75% de todas as castanhas de caju in natura exportadas do Gana em 2006 poderia criar nova renda familiar que seria igual ao valor total das castanhas de caju in natura exportadas naquele mesmo ano”, disse o Prof. Daniel Bromley, da Universidade de Wisconsin-Madison, dos EUA, o qual liderou o estudo. “Um aumento nas vendas de castanhas de caju in natura cria novos empregos e aumenta a renda familiar na economia local de forma significativa. O processamento de castanhas, no entanto, possui um impacto ainda maior”.

Bromley, um especialista em economi, as em desenvolvimento internacionalmente reconhecido, conduziu o estudo em 2010 em Burquina Fasso, no Gana e no Mali, liderando uma equipe de pesquisadores na Universidade do Gana e voluntários do Corpo de Paz dos EUA, os quais coletaram dados de renda e empregos junto a produtores rurais, processadores, comercializadores e transportadores.

Depois de fazer a análise de dados com os números sobre o caju no Gana, Bromley determinou o que os economistas chamam de “efeito multiplicador” para o setor. Sempre que um produtor rural vende as suas castanhas de caju in natura, seja para exportação ou para o processamento local, ele usará o dinheiro de uma destas suas formas: gastará ou poupará. Produtores rurais pobres geralmente não poupam o dinheiro – eles gastam-no em bens e serviços locais em com produtos importados.

Quando o produtor rural usá-lo com bens e serviços locais, o dinheiro possui um efeito multiplicador: por exemplo, se ele comprar fufu em um restaurante local, a proprietária do estabelecimento terá mais dinheiro em seu bolso e, do mesmo modo, a produtora rural que vende seus inhames para que o fufu possa ser preparado por aquela que o vende, e assim por diante. Os produtores de caju contratarão mais pessoas para colher os cajus se as vendas aumentarem. E a proprietária do restaurante também contratará mais pessoas para bater o fufu.

A Iniciativa Africana do Caju já está produzindo frutos em Moçambique

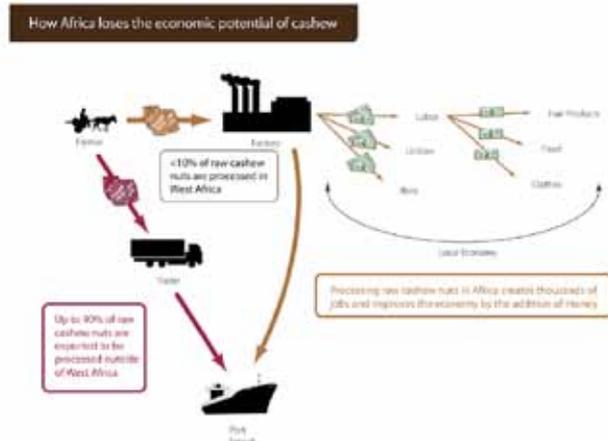
por Gertrude Nimako-Boateng, ACi

O comitê diretivo da IAC se encontrou em Maputo, Moçambique, de 18 a 19 de setembro, para fazer uma avaliação do progresso feito até aqui, para discutir os desafios que o projeto enfrenta e ver o caminho para o avanço. A reunião, a qual foi realizada logo depois da Conferência Anual da ACA (de 14 a 15 de setembro), contou com a presença de um grande número de participantes. Na reunião havia uma indicação clara de que os parceiros privados haviam assumido o projeto.

A gerência da IAC relatou um progresso contínuo no projeto. Os Indicadores-Chave de Desempenho (ICDs) mostravam claramente que o projeto estava no caminho certo para alcançar os seus objetivos. Foi relatado que 70% dos 150 mil produtores rurais visados para obter assistência foram alcançados. Embora o coeficiente produtores rurais X treinador/especialista varie muito entre os países, devido a diferentes modelos de extensão, o resultado geral mostrou que a estratégia estava produzindo os resultados necessários. Em relação às mudas disponíveis para distribuição, 60% dos produtores rurais de Moçambique haviam recebido mudas.

Dos 30 mil produtores rurais visados para fazer a certificação, 3.600 foram certificados e 24% dos visados produziram castanhas de caju in natura

“O aumento das exportações é considerado essencial para impulsionar



o crescimento econômico – e a razão são os efeitos multiplicadores que ocorrem com o aumento nas vendas no nível do produtor”, disse Bromley.

Para o caju, Bromley determinou que para cada US\$ 1 mil de aumento nas vendas dos produtores rurais, 50 empregos são criados e mais US\$ 1.143 em renda familiar adicional é gerada. Quando os cajus são processados localmente, os impactos são ainda maiores – porque, neste caso, os processadores pagarão os trabalhadores para descascar os cajus e prepará-los para a continuação do processamento. Para cada US\$ 1 mil de cajus que eles comprarem, os processadores gastam cerca de US\$ 822 para fazer o processamento, de acordo com os resultados do estudo.

Em 2006, o Gana exportou aproximadamente 50 mil toneladas métricas de cajus, 95% das quais eram castanhas de caju in natura. O valor das exportações foi de cerca de US\$ 23 milhões. O processamento local de 75% das castanhas de caju in natura exportadas teria gerado quase a mesma renda, de acordo com as descobertas de Bromley – e esta renda então levaria aos efeitos multiplicadores na economia local.

“Sem dúvida alguma, as castanhas de caju processadas localmente na África Ocidental teriam um impacto significativo sobre os empregos e a renda na região”, ele disse. “A estratégia da Aliança Africana do Caju de fazer isto é exatamente o que todos deveriam tentar fazer para aliviar a pobreza na região”.

O estudo será publicado nas próximas semanas no sítio de internet do Centro da USAID para o Comércio. www.watradehub.com

com certificação orgânica, as quais foram vendidas sob a marca comercial Comércio Justo (Fair Trade, em inglês).

A equipe se encontrou com a cooperativa de produtores rurais de Muecate para receber as opiniões e as impressões da assistência fornecida até o momento. Esta cooperativa possui mais de 360 membros. Os testemunhos



dados pelos membros foram surpreendentes.

Os produtores rurais relataram que, com a ajuda dos consultores da IAC, eles iriam transferir as suas vendas de produtos agrícolas de comerciantes particulares, os quais oferecem preços pouco competitivos, para compradores de grande escala, os quais lhes oferecem preços mais altos. Os produtores rurais expressaram o desejo de fechar contratos com os compradores de larga escala, a fim de promover uma parceria comercial confiável com eles. Eles acrescentaram que iriam vender no mercado global para os mercados de especialidade sob a marca de Comércio Justo.

Um dos produtores rurais disse com orgulho que, graças ao projeto da IAC, ele conseguiu mandar os seus filhos para a escola e agora pode pagar as taxas cobradas, algo que não conseguia fazer antes da introdução do projeto.

As produtoras rurais da cooperativa relataram que sob o projeto elas conseguem ter as suas próprias fazendas de caju e podem acumular bens suficientes para se tornarem independentes. De acordo com um dos produtores rurais, eles agora conseguem comprar bicicletas para aumentar a sua mobilidade e telefones celulares móveis que facilitam a comunicação com os outros produtores. Portanto, sob as novas técnicas de produção, eles esperam aumentar a produção de forma considerável na safra que está por se iniciar.

A equipe de gerenciamento da IAC visitou a sementeira Nassuruma, onde uma nova variedade de espécies de alto rendimento, as quais produzem castanhas de melhor qualidade, está sendo cultivada. Apesar de alguns desafios, a sementeira vai produzir cerca de 400 mil mudas a serem distribuídas aos produtores rurais na próxima época de plantio, a qual se iniciará em novembro de 2010.

Em relação a Moçambique, o projeto está em seu caminho planejado e já está rendendo frutos. Não há dúvida de que este bom momento continuará durante toda a primeira fase do projeto, a qual termina em 2013.

O primeiro envio de castanhas de cajus in natura de uma Companhia brasileira a partir da África

O nosso boletim de notícias anterior mencionou um investidor brasileiro no Gana. Agora o projeto se tornou realidade

O primeiro envio de carga – desta vez são 250 TM de castanhas de caju



in natura obtidas em sua totalidade no Gana – estão a caminho do Brasil. Primeiro, contudo, inúmeras exigências tiveram de ser cumpridas. Tanto o Ministério da Agricultura do Brasil quanto o do Gana inspecionaram os armazéns onde os produtos foram guardados. Depois as exigências de envio de cargas para o Brasil foram pesquisadas, explicadas e negociadas. Por fim, depois da aquisição das castanhas, elas precisaram ser limpas em máquinas construídas sob medida, reembaladas em novos sacos ventilados de juta de 60 kg e fumigados para atender às exigências do processador brasileiro e aos padrões estabelecidos por laboratórios e pela lei.

“O Gana possui um grande potencial para aumentar a produção de castanhas in natura. Os produtores rurais ganenses poderiam colher muito mais, caso fizessem um esforço extra e cuidassem ainda mais das castanhas. Por exemplo, os produtores rurais precisam colher as castanhas de forma regular, caso contrário elas apodrecem no chão antes de serem recolhidas. A quantidade de castanhas podres do Gana nunca foi visto no Brasil, sendo assim o governo brasileiro insistiu na necessidade de se fazer a fumigação”, disse o brasileiro que está atuando no Gana .

De acordo com o brasileiro, a primeira remessa de carga é um teste - o primeiro passo de um plano muito mais amplo. O objetivo futuro é investir em larga escala em uma fábrica de processamento mecanizado, o qual criará muitos novos empregos.

ATUALIZAÇÕES DOS PAÍSES

BENIM

Por Georgette Taraf, Representante Nacional da ACA

A temporada no Benim não foi muito boa em termos gerais. A colheita deste ano não foi apenas ruim, mas também esteve muito atrasada. Problemas de qualidade, bem como dificuldades para estimar o volume da safra foram os principais desafios. Foi registrada uma redução da produção de 30% em relação ao ano anterior (70 mil TM, se comparadas com as 100 mil TM em 2009). A temporada de 2010 foi encerrada oficialmente em outubro, mas espera-se que as exportações de castanhas in natura continuem (120 mil TM) até o final do ano. Como forma de novos investimentos, três companhias estão tentando obter acesso a financiamento para o próximo ano, e há muitos investimentos em geral no processamento no Benim. A nova temporada deve ver a instalação de um bom número de novos processadores. O Banco Mundial está estudando um projeto em potencial sobre a diversificação, enquanto que a CASBA (uma companhia dinamarquesa), a DEDRAS e a SNV estão engajadas no setor no Benim.

Costa do Marfim

Cherif Hibram, Presidente da ACA

A temporada de 2010 se encerrou no final de agosto na Costa do Marfim. Um total de 335 mil TM de CCN foram exportadas da Costa do Marfim. Estima-se que cerca de 50 mil TM tenham ido para o Gana, Benim e Burquina Fasso, o que teria aumentado o total de CCN exportados da Costa do Marfim para o mercado internacional para quase 400 mil TM. Os preços das castanhas in natura da Costa do Marfim começaram em CFA 160 e, mais tarde, subiram para CFA 310. Uma nova fábrica foi estabelecida no decorrer do ano, enquanto que um novo grande investimento feito pela OLAM em Bouake está a caminho. No apoio ao setor do caju no país, as organizações ativas são a RONGEAD, a FIRCA, a INADES e a Agência Marfinesse de Promoção das Exportações.

Gâmbia

Ram Mohan, membro do Comitê Diretivo da ACA

A produção na Gâmbia aumentou para 10 mil TM, com uma contagem

de castanhas de 54 LBS. O processamento continua baixo na Gâmbia e ainda, em sua maioria, informal, com aproximadamente 100 TM processadas. Para fazer o processamento comercial, uma fábrica da Líbia, com aproximadamente 500 a 1.000 TM está sendo implantada. Os preços também subiram na Gâmbia; começaram a GMD 12 e aumentaram, dobrando para GMD 24. No que tange os preços de exportação, eles também quase que dobraram de US\$ 600 FOB para US\$ 1.150 FOB. Não houve nenhuma alteração nas políticas do governo, mas pode-se observar um grande interesse do governo pelo mercado. Muitos exportadores do setor privado estão se interessando pelas atividades de agregação de valor. O AID vem se envolvendo ativamente no treinamento de produtores rurais. Cerca de 157 produtores rurais foram treinados. Eles também estão fazendo bastante na coleta de dados.

Ghana

Eleanor Swatson, Representante Nacional da ACA

A colheita do Gana em 2010 se recuperou depois de um começo lento. Foi produzido um volume total relatado de 27 mil TM, mas 77 mil TM de CCN foram exportadas, de acordo com o Conselho dos Transportadores de Gana. Os preços FOB variaram de US\$ 650 a US\$ 850. Do lado do processamento, 8 unidades de processamento estiveram em atividade durante o ano, com uma capacidade total de 3.127 TM. 712 TM foram processadas na primeira metade do ano e espera-se que 2 mil TM sejam processadas até o final do ano. O rendimento em geral ficou em uma média em torno de 47 LBS. Os preços locais começaram em fevereiro em GHP 40 (US\$ 0,29), subiram a GHP 70 (US\$ 0,50) e tiveram o seu pico de GH 1,21 (US\$ 0,85) por kg em julho. Na área de novos investimentos, três novas plantas de processamento estão em fase de construção. Elas são a Muskaan Ghana, com uma capacidade de 1 mil TM, a Rajkumar, com 2 mil TM de capacidade e a Tajsofia, a qual é um processador de passagem. As organizações que estão ativas no setor para fazer treinamento, pesquisa e desenvolvimento são o Ministério de Alimentos e Agricultura (MoFA) e o Instituto de Pesquisas do Cacau do Gana (CRIG). A Associação de Produtores Rurais Cooperados de Caju e de Marketing do Gana (GCCFMA) recentemente estabeleceu seus escritórios no Ministério da Agricultura, em Sunyani, e está ativamente envolvida na mobilização dos Produtores Rurais de Caju de todo o país, com o objetivo de reunir todos sob uma mesma organização.

Moçambique

Raimundo Matule, Representante Nacional da ACA,

Ao contrário dos outros países, Moçambique teve uma boa temporada. Os preços estavam bons e um total de 97 mil TM foi produzido. Deste total, 28 TM foram exportadas. O país também viu uma boa porção de processamento informal e 3,9 mil TM de cajus processados foram exportadas a um preço médio de US\$ 3,80 por kg. A nova temporada já começou por lá e espera-se que mais 95 TM sejam produzidas. Haverá uma nova fábrica em Angoche (está sendo renovada). No nível das políticas, uma tarifa de 18% sobre as exportações de castanhas de caju in natura está sendo implantada.

Senegal

Lamine Sene, Representante Nacional da ACA,

A temporada do Senegal também não foi boa, se comparada com os anos anteriores. A produção caiu de 65 mil TM em 2009 para 35 mil TM em 2010, sinalizando um declínio aproximado de 50%. Os preços de lá, assim como em todos os outros países durante o ano que passou, passaram por uma subida muito acentuada de CFA 200 para CFA 400 em seu preço de entrega na porteira da fazenda. O rendimento ficou entre 49 e 58 LBS. 18 exportadores estavam presentes e ativos no país durante a temporada. A maior parte dos compradores eram processadores da Índia. Também há cerca de 20 pequenas unidades de processamento em Casam, todas com uma média de 4 TM de capacidade, com uma que possui uma capacidade de 100 a 200 TM. Em Thies também há cerca de 26 cooperativas de mulheres, as quais processam 1,5 mil TM. Estas cooperativas compram de Sokhone e, em sua maioria, fazem processamento artesanal. Um novo processador também está estabelecendo uma nova fábrica com capacidade de 2 mil

TM em Sokhone. Muitas ONGs e organizações do governo estão ativas no Senegal e já investiram grandes quantidades de dinheiro neste setor no país. A PADEC, em Casamance, já recebeu CFA 9 bilhões, 50% dos quais dados pelo governo e a outra metade pela CIDA. O Projeto de Crescimento Econômico da USAID também distribuiu 50 mil mudas e enviou uma delegação para a Índia, a fim de aprender técnicas de enxerto e de processamento das frutas do caju. A AID possui um programa de qualidade, a GTZ PROCAS também investiu CFA 14 milhões na compra de castanhas in natura para os processadores. O Centro para o Comércio na África Ocidental continua a fazer a sua parte através das conexões de comercialização.

Tanzânia

Idrissa Kilangi, Vice-Presidente da ACA

A produção na Tanzânia diminuiu devido à idade avançada das árvores. A produção diminuiu de 120 mil TM em 2008 para 98 mil TM em 2010. 45 mil TM deste total foram processadas localmente neste ano, das quais 30 TM foram processadas pela OLAM, em sua grande maioria o processamento foi manual. 1,5 mil TM também foram processadas pela Agrofocuss; espera-se que este volume aumente para algo entre 10 e 20 mil TM. O governo estabeleceu 10 fábricas com a ajuda do Banco Mundial e três fábricas inativas foram reestabelecidas.



Calendário do Caju em 2010

Aqui está um calendário indicativo do caju para as atividades da ACA para os próximos meses. Por favor, contate a Secretaria da ACA (aca@africancashewalliance.org) se você deseja participar, fornecer idéias para a preparação de qualquer um dos seguintes eventos ou se gostaria de acrescentar eventos ao calendário do caju. March 2010

Janeiro de 2011

Conferência Anual da PTNPA, Las Vegas, de 15 a 18 de janeiro
Fórum do Caju no Senegal
Dia do Caju no Gana

Abril de 2011

Convenção Anual da Associação das Indústrias de Alimentação, USA (28-30 de abril)

Maio de 2011

Visitas de Assistência Técnica a Processadores no Togo e na Nigéria
Convenção Internacional de Castanhas e Frutas Secas em Budapest, Hungária (20 a 21 de maio)

Setembro de 2011

Conferência Anual da ACA- Banjul, Gâmbia (19-22 de setembro)



Contate-nos através do endereço
info@africancashewalliance.org ou
ligue para +233 302 774162